



Paradoxo brasileiro ou feição nacional: a crônica machadiana e as vozes que falam além...

Carina Dartora Zonin*

Resumo: Os tempos modernos são paradoxais por natureza, o que, muito significativamente, dialoga com aquele instinto de nacionalidade machadiana, quiçá, um princípio constitutivo da formação de nossa brasilidade. Isto é, em linhas gerais, objeto de interesse e investigação, neste estudo. Para tanto, ancorados pelos princípios teóricos de Mikhail Bakhtin, especialmente as noções de gêneros do discurso, dialogia e polifonia, procuraremos o ápice destas tensões na crônica machadiana da série *Bons dias!* Assim, através de trechos representativos dos tipos discursivos, a saber, o político e o religioso, vamos ouvindo a multiplicidade de vozes que, historicamente, perpassam literatura e sociedade. Ao final, procuraremos refletir acerca do funcionamento polifônico instituído pelos discursos, no sentido de fortalecer os princípios que regem a sociedade brasileira, dos tempos imperiais à modernidade.

Palavras-chave: polifonia; dialogia; gêneros discursivos; tensões sociais; efeitos de sentido.

Abstract: Modern times are paradoxical in nature, which, significantly, a dialogue with that instinct of nationality Machado, perhaps, a constitutive principle of formation of our Brazilianness. This is, in general, the object of interest and research in this study. To this end, anchored by the theoretical principles of Mikhail Bakhtin, particularly the notions of speech genres, dialogism and polyphony, try the culmination of these tensions in chronic Machado Series *Bons dias!* Thus, through sites representing the discursive types, namely, the political and religious, let's hear the multiplicity of voices that have historically pervade literature and society. Finally, try to reflect on the functioning polyphonic introduced by speeches, to strengthen the principles of Brazilian society from imperial times to modernity.

Keywords: polyphony; dialogism; speech genres; social tensions; meaning effects.

Que apelo me chega
desta voz que emerge
de tão profundas águas?
Alguém esquecido
no fundo dos tempos?
Meu anjo vencido?
Meu duplo secreto?
Que apelo indizível
me chama, me grita
que esqueça, que durma
ou me divida em tantos
que nenhum seja eu?
Emílio Moura.

* Possui graduação em Letras, habilitação em Português, Espanhol e respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus de Erechim (2003). Coursou especializações em Estudos Linguísticos do Texto (2005), Literatura Brasileira (2008) e atualmente (2009) realiza mestrado em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com apoio de bolsa do CNPq.

1 Considerações iniciais

De um modo significativo, as transformações sócio-históricas revelam momentos-chave para o pensamento do homem em sociedade. Em nosso estudo, partimos do contexto da abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, para seguirmos refletindo acerca dos ideais antagônicos que regem o homem em sociedade, (re)significando o contexto em que conviviam, fraternalmente, os ideais liberais e conservadores, a monarquia e a república, a liberdade e o escravismo. As formações discursivas, apreendidas pelos meios de comunicação impressos e/ou falados, fixam no tempo uma tradição, modos de dizer que, sensivelmente, soam representativos na dinâmica social que conserva, com maior ou menor intensidade, os tons e ecos dos tempos passados, constituindo, assim, o amadurecimento dos princípios que, historicamente, regem a sociedade brasileira – aqui - dos tempos de Machado há nossos dias.

Entre os meios potenciais de registro dos discursos, consideraremos a crônica como um gênero que, por excelência, absorve a cotidianidade, o espaço que tende a universalizar traços típicos do contexto a que se volta o olhar do escritor, evidenciando, em diferentes proporções, as tensões sociais que, substancialmente, perpassam a vida de todo homem. Sendo assim, como uma das manifestações que incorpora e naturaliza em seu dizer a essência que elide sociedade e história, constituindo-se um dos marcos para pensarmos a eclosão dos tempos paradoxais da modernidade, consideraremos a crônica machadiana da série *Bons dias!* - à luz da teoria polifônica de Mikhail Bakhtin.

Nesta perspectiva, observaremos os dizeres que, ao absorverem um contexto histórico específico, transcendem o próprio contexto e incorporam o funcionamento substancial da sociedade, através dos tempos. Para tanto, procuraremos perceber os efeitos de sentido que, realçados pelo tom satírico e irônico das vozes que falam através da *persona* do cronista¹, concebem o momento histórico enquanto fluxo e movimento que, ao significar determinados fatos, revela perspectivas importantes para pensarmos o ‘antes’ e o ‘depois’ da história, já que, conforme Bakhtin (2000), em seu texto *Gêneros do discurso*, “[...] o enunciado está ligado não só aos elos que o precedem mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal”. Neste sentido, os ideais abolicionistas representam um marco dos acontecimentos históricos, um dos matizes importantes para pensarmos a eclosão das forças reacionárias, que se contrapõem a um sistema dominante e que, para além, muito além dos ideais de liberdade e igualdade, sobrevive o gene da negação, promovendo, efetivamente, o distanciamento entre as aspirações sociais e as ações que as dinamizam.

¹ Pela acepção de John Gledson (2008), em sua *Introdução e notas à série*, chamaremos *persona* do cronista ao invés de narrador a instância que na crônica incorpora o coro de vozes sociais.

Para tanto, procuraremos resposta para as seguintes questões de pesquisa, de caráter abrangente: que caminhos nos levam a eleger como possível o diálogo entre a teoria polifônica de Mikhail Bakhtin e a crônica de Machado de Assis? Mais especificamente, propomos outras duas questões: como se revelam as tensões sociais na voz da *persona* do cronista, à luz da polifonia? E, a partir da análise do funcionamento polifônico dos discursos, quais os princípios potenciais para pensarmos o legado dos tempos modernos pelo comportamento da sociedade brasileira no contexto histórico-social da crônica machadiana?

Como norte para o desenvolvimento de nossa proposta, centraremos nosso olhar na análise de trechos representativos dos tipos discursivos. Dentre eles, consideraremos como discurso político aqueles dizeres que se relacionam com a esfera específica de atividade de enfrentamento político-partidário e como discurso religioso aqueles dizeres que conservam a crença num Deus único e superior e que representam a fé espiritual do homem em sociedade, sendo ambos os discursos enunciados por dizeres oriundos de uma esfera mais geral ou mais compartilhada pelos sujeitos, a saber, o discurso social. Sendo assim, procuraremos perceber os tipos discursivos entrecortados pelo social, posto que as vozes que falam na crônica machadiana se revelam, em sua maioria, no dizer da *persona* do cronista enquanto um ser social potencial para a absorção dos dizeres, não constituindo, propriamente, um dizer institucionalizado por um personagem cujo papel é, estritamente, político ou religioso.

Em nosso estudo, através do diálogo entre a teoria polifônica de Bakhtin e a crônica de Machado, evidenciaremos o cruzamento de vozes e de discursos nos dizeres da *persona* do cronista e, como um modo de fortalecer a natureza discursiva em que, ao menos, duas consciências se fazem ouvir, enfatizaremos nossa linguagem através do uso constante da terceira pessoal do plural. Falaremos através de um ‘nós’, pois, afinal o ‘eu’ só se reconhece e existe diante do ‘outro’. Outro fator recorrente será o uso do termo ‘diálogo’ e suas variações (dialogismo, dialogia, dialógico, dialogizante, dialogicidade), que respeitam o uso conferido por Bakhtin em sua teoria e referenciado por estudiosos de seu círculo de pensamento.

Através da perspectiva polifônica do discurso, evidenciaremos a presença e o embate de vozes na formação das chamadas tensões sociais. Estas que, através dos tempos, revelam princípios forjados por sistemas dominantes que escamoteiam a integridade e autenticidade dos valores. Desde os tempos de Machado à modernidade, persistem forças antagônicas que ao preservar a perspectiva positiva, inspirada por ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, revelam muito mais o tom desconcertante e inquietante que, significativamente, emanam das vozes que falam através da *persona* do cronista. Sendo assim, inspirados pela ideia de fluxo e

movimento na transformação e amadurecimento dos princípios sociais, partiremos de uma reflexão acerca do caráter ilimitado e sócio-histórico dos gêneros discursivos.

2 O caráter sócio-histórico e ilimitado dos gêneros discursivos

A relação ‘literatura, sociedade e história’ se constitui, na perspectiva proposta por Bakhtin acerca dos gêneros discursivos, como uma instância, essencialmente, dialógica. Por estarem relacionadas ao uso efetivo da língua, aos sujeitos e às situações de comunicação, as formas composicionais são concebidas como tipos relativamente estáveis de enunciados, distanciando-se, assim, do pensamento tradicional que procura preservar, ao máximo, formas típicas de composição do discurso.

Como um contraponto à estilística tradicional defendida pelos formalistas russos como um parâmetro para a constituição do literário, conservando as formas puras de composição da poesia, Bakhtin irá dedicar seu estudo à forma impura por excelência, a saber, a prosa romanesca. Tal contraponto ganha maior vigor ao refletirmos acerca do legado das vanguardas à literatura, que levou a efeito a flexibilização das formas composicionais, sendo possível uma releitura dos princípios bakhtinianos, da prosa o verso. Em nosso estudo, interessa refletirmos acerca de sua concepção acerca da prosa romanesca, tendo como horizonte para o pensamento a crônica machadiana.

Dentre os gêneros consagrados pela literatura, tais como o romance e a poesia, estão os que ainda necessitam de maior legitimação, tal como o nosso objeto de estudo, a crônica. Pela perspectiva discursiva, que distingue os gêneros enquanto uma forma histórica e ilimitada, pensamos a realização da crônica a partir da categoria proposta por Cristóvão Tezza (2003), em seu texto *Entre a prosa e a poesia...*, que, ao refletir acerca de tais instâncias, imagina uma espécie de *continuum*, que se estende entre dois pólos ideais de concepção do literário, do romance à poesia. Sendo assim, trazendo está máxima para o nosso campo de pensamento, imaginamos a transição que se estende de uma forma mais próxima à literatura, conservando ao máximo os valores estéticos e artísticos da composição às formas que se aproximam mais aos fatos cotidianos sem com isto transcender ao contexto; são os tipos discursivos que, por se fixarem mais estritamente ao tempo, nascem sob o risco do esquecimento e da leitura imediata não constituindo, através dos tempos, uma tradição. Entre um pólo e outro, situamos a crônica machadiana como aquele tipo discursivo que se aproxima mais ao estilo literário, conservando, ao máximo, o caráter ficcional e a transgressão do particular o universal.

Para tanto, interessa perceber a crônica machadiana como uma forma histórica e falante que, ao promover o diálogo entre o mundo da cultura e o mundo da vida, consagra à crônica um dos ápices da filosofia bakhtiniana e se aproxima mais ao gênero romanesco, especialmente, à literatura transgressora das formas tradicionais de concepção do literário, constituindo, assim, a autonomia da obra de arte. Nesta perspectiva, Antônio Cícero (2009), na entrevista *Reflexões sobre finalidades sem fim*, ao nos falar acerca da herança vanguardista, revela algo importante para pensarmos tanto a crônica de Machado quanto a aceção de Bakhtin acerca dos gêneros discursivos, e nos diz que “[...] a atitude estética consiste em apreciar cada obra como se fosse algo *sui generis*, isto é, como se fosse algo que criasse ou inaugurasse o seu próprio gênero”. O fluxo da história na intervenção e transformação das formas composicionais, também ultrapassa fronteiras do tempo e, neste sentido, percebemos tanto a poesia de João Cabral de Melo Neto quanto à criação de Machado de Assis como um modo peculiar e único de conceber a relação literatura-sociedade, elaborando, em contextos distintos, formas originais que potencializam o dizer como centro do fazer literário, reivindicando para si maior atenção. Neste sentido, em palavras de Bakhtin:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 2000, p.279).

Sendo assim, convém olhar com maior cuidado a crônica machadiana, no sentido de revelar as faces ocultas da criação enunciativa, já que o discurso, conforme Barros (1996, p. 26-27), “[...] é aquele que expõe, que mostra ou que deixa escutar o dialogismo que o constitui, a heterologia discursiva, as vozes contraditórias dos conflitos sociais”. O enunciado, enquanto forma constitutiva dos gêneros discursivos, representa um elo na cadeia da comunicação verbal e, segundo Bakhtin (2000, p. 318), “dir-se-ia que um enunciado é sulcado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos falantes e pelos matizes dialógicos, pelas fronteiras extremamente tênues entre os enunciados e totalmente permeáveis à expressividade do autor”. Motivados por tais reflexões, voltamos a ver a crônica machadiana pelo viés do estilo composicional, este que, de um modo peculiar e sutil, promove o entrecruzamento de discursos e de vozes de diferentes esferas da atividade humana (a política, a religião, a filosofia, a economia, etc.). O criador, na concepção de Bakhtin, deixa de representar a linguagem dos deuses para absorver a dos homens, revelando a natureza impura dos discursos:

O objeto de discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. (BAKHTIN, 2000, p. 319).

Neste sentido, “[...] toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções, etc.” (BAKHTIN, 2000, p. 313). Em nosso estudo, consideramos a crônica machadiana como um marco importante para pensarmos o funcionamento da sociedade moderna que, à luz da polifonia, soam as vozes desconcertantes da história, que transmitem o legado do ser humano que, por sua natureza impura, está sempre sujeito à ‘volubilidade’, àquela equação-chave que se refere Roberto Schwarz (1997), em seu texto *Um mestre na periferia do capitalismo*.

O caráter dinâmico e sócio-histórico dos gêneros discursivos pode ser visto sob três enfoques, o que diz respeito ao tema (conteúdo), ao estilo (sua forma lingüística) e à estrutura composicional (construção). Esta tríade (conteúdo temático, estilo e construção composicional) permeia o todo do enunciado e, a cada nova junção, demarca um tipo discursivo e a heterogeneidade dos gêneros. Tais traços constitutivos serão considerados em nossa análise, no sentido de fortalecer o caráter peculiar de revestimento do dizer, na crônica machadiana.

Ao refletir acerca de traços genéricos dos gêneros discursivos, Bakhtin propõe a distinção de duas categorias: a dos gêneros primários (simples) e secundários (complexos). Desse modo, considera gênero secundário como aquele cujos enunciados aparecem em uma circunstância de comunicação cultural complexa (ex.: a prosa romanesca) e gênero primário como aquele cujos enunciados constituem o anterior, conservando a sua forma, mas adquirindo um conteúdo no conjunto (ex.: a carta inserida no romance). Assim, a réplica do diálogo cotidiano que compõe o gênero simples, próprio da comunicação discursiva imediata, ao ser inserida numa formação complexa, passa a ser concebida como um fenômeno da vida literário-artística e não, simplesmente, da vida cotidiana. Pelo atravessamento de vozes e de discursos alheios, consideraremos a crônica machadiana como um gênero secundário, cuja complexidade não atinge a voltagem máxima, própria da prosa romanesca, mas que conserva, significativamente, características intrínsecas daquela, constituindo um estilo peculiar de mascaramento dos gêneros primários que, ao serem incluídos no discurso, transcendem a imediatez da realidade. Em nosso estudo, observaremos a natureza do enunciado, no sentido de evidenciar o alcance dos sentidos produzidos pelas vozes machadianas, sem ater-nos,

necessariamente, ao contexto histórico específico em que as mesmas foram elaboradas, fortalecendo a ideia de que, segundo Bakhtin (2000, p. 320), “[...] o enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. A mais leve alusão ao enunciado do outro confere à fala um aspecto dialógico que nenhum tema constituído puramente pelo objeto poderia conferir-lhe”.

Sendo assim, em nosso estudo, à luz da polifonia, procuraremos perceber o discurso sócio-histórico que, pelo caráter ilimitado dos gêneros, reveste-se, sutilmente, de pequenas modificações estilísticas, próprias do estilo composicional do cronista, e que revelam vozes que falam acerca do legado da sociedade moderna. Antes de ouvirmos as vozes machadianas, seguiremos com considerações acerca do caráter dialógico e polifônico da linguagem.

3 O caráter dialógico e polifônico da linguagem

Historicamente, a palavra enunciada pela voz do outro se constitui como uma arena conflitual e tensa, em que residem visões que se complementam ou que se opõem, gerando, assim, o cruzamento de discursos e de vozes que soam até mesmo numa leitura silenciosa. A palavra, em sua natureza, quer sempre ser ouvida e, em nosso estudo, propomos refletir acerca de seu caráter, essencialmente, dialógico que inibe as fronteiras do tempo e revela dizeres importantes para refletirmos acerca de nossa condição no mundo. Segundo os estudos de Bakhtin, em diálogo com o pensamento filosófico:

K. Marx dizia que, somente ao ser enunciado na palavra, um pensamento torna-se real para o outro e, portanto, para si mesmo. Mas esse outro não é unicamente o outro no imediato (destinatário, segundo). Em sua busca de uma compreensão responsiva, a palavra sempre vai mais longe. [...] A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim *ad infinitum*. Ela entra num diálogo em que o sentido não tem fim [...] (BAKHTIN, 2000, p. 357).

Entre o pensamento filosófico e o literário, outro possível paralelo é proposto por Cícero, em sua obra *Finalidades sem fim* (2005), em que ao se referir à linguagem poética retoma a acepção de Kant e evidencia o valor estético de uma obra de arte, justamente, por se revelar na finalidade sem fim, sem causa final. Neste sentido, a crônica machadiana se constitui numa manifestação prenhe de sentidos e de significações inesgotáveis e, sendo assim, nossa proposta pretende dar conta da multiplicidade de dizeres que exalam da voz da *persona* do cronista, revelando como possível ao vasto mundo analítico uma leitura polifônica da crônica machadiana.

É pela heterogeneidade discursiva que o criador é concebido como mediador da relação literatura-sociedade, como aquela voz capaz de potencializar dizeres que, através dos

tempos, adquirem uma identidade concreta, mais propriamente vinculada a determinadas esferas da atividade humana. Por este viés, o discurso concede a proliferação de vozes que se vinculam ora à verdade intuída por um eu potencial do discurso, identificado com o papel social revelado pelos tipos discursivos, tal como as vozes do discurso filosófico no dizer de um filósofo; ora ao julgamento da consciência humana imparcial, dando voz ao povo, e potencializando dizeres que, embora compartilhados pela coletividade, nutrem-se de discursos de esferas mais específicas, tal como as vozes do discurso religioso na voz de um político, de um dramaturgo, etc. Em nosso estudo, observaremos a diversidade de vozes e de perspectivas discursivas na voz potencial da *persona* do cronista, já que, conforme os estudos de Fiorin:

Um universo discursivo é constituído de muitos campos, o político, o religioso, o filosófico, etc. Cada campo é formado de vários espaços, que são os interdiscursos. É no interior de cada campo que se constitui o discurso. Essa constituição faz-se trabalhando sobre formações discursivas já existentes. (FIORIN, 1996, p. 132).

Nesta perspectiva, pensamos o dialogismo como princípio constitutivo dos gêneros que, por seu caráter dinâmico e sócio-histórico, dá vida à multiplicidade discursiva. Deste modo, a interação verbal locutor/alocutário, ou ainda entre autor-obra-público, independente da autoridade discursiva, preserva sua natureza dialógica. Bakhtin (1981), em seu texto *Problemas da poética de Dostoiévski*, consagra sua teoria polifônica acerca da prosa romanesca e reflete acerca dos tipos de diálogos que emanam da natureza do discurso. Para tanto, há formações discursivas em que as vozes se ocultam sob a aparência de uma única voz que se faz ouvir e que conserva para si o máximo de autoridade. Estas formações discursivas são chamadas por Bakhtin de monofonia, por oposição às chamadas de polifonia, objeto de interesse de nosso estudo, e que diz respeito ao jogo existente, no interior do discurso, de vozes que, originadas de uma esfera social abrangente, deixam entrever elos que dialogam entre si, que se complementam quando o atravessamento dos discursos sociais contribui para o entendimento de dizeres que se somam, fortalecendo o discurso, ou, que se contradizem quando o atravessamento desses discursos polemiza-se, denunciando elos que se afastam.

A natureza dialógica do discurso conserva para a prosa romanesca, gênero impuro por excelência, a idéia de que o falante nunca acha a palavra despovoada das vozes dos outros, pois nunca a encontramos de forma neutra, sem o ponto de vista de outros, “[...] a palavra cada falante recebe da voz do outro e repleta da voz do outro” (BAKHTIN, 1981, p. 176). Em sua acepção, até mesmo o discurso monológico, que procura despoluir o dizer das vozes dos outros, conservando em voltagem máxima a supremacia de uma única voz, soa como diálogo. Neste sentido, Bakhtin evidencia a criação como uma manifestação impregnada pelo

mundo da vida, cabendo ao estilo criador elevá-la ou não como fonte de inspiração, contrapondo-se à ideia unívoca de que a arte se constitui como manifestação de individualidade. Outra vez, caberia refletirmos acerca da concepção de poesia que, por oposição à prosa romanesca, institui-se como um ideal de pureza, em que o eu-poético conserva ao máximo a autoridade do discurso. Bakhtin, ao refletir acerca dos gêneros, estabelece limites ideais de composição e, assim, nem a poesia enquanto poesia é absolutamente pura, nem a prosa enquanto prosa é totalmente impura, ambas acontecem entre estes limites idealizados.

Deste modo, podemos pensar o estilo composicional da poesia de João Cabral de Melo Neto como aquela manifestação que se abstrai ao máximo do dizer engajado, como um modo não de negar o diálogo, posto que ao preservar o valor estético do texto literário, o poeta recusa a arte massificada e, neste sentido, o discurso monofônico se revela pela essência dialógica e busca na voz do outro uma compreensão responsiva ativa. Por uma via mais direta, própria de sua semelhança com a prosa romanesca, observaremos a crônica machadiana como uma manifestação dialógica em que as vozes emergem dos discursos e revelam as perspectivas latentes à palavra. Os limites dialógicos, conforme Bakhtin (2000, p. 348), “[...] entrecruzam-se por todo o campo do pensamento vivo do homem”. Sobre o nosso campo de observação, Bezerra, em seu texto *Polifonia*, nos diz que:

O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro ‘eu para si’ infinito e inacabável. (BEZERRA, 2005, p. 194).

Diferentemente da prosa romanesca que, por se constituir num texto mais longo e complexo, revela a autonomia das vozes através de personagens potenciais do discurso, em nosso estudo, observaremos, especialmente, a voz da *persona* do cronista como regente da multiplicidade de dizeres que afloram de seu próprio discurso e o tornam participante do diálogo interno, promovendo uma espécie de encenação entre os dizeres. Nesta perspectiva, retomando os estudos de Bezerra (2005, p. 197) acerca do narrador que, ao participar do discurso, cria “[...] relações dialógicas, isto é, aquele ‘tipo especial de relações *entre sentidos*’ das quais só podem participar enunciados plenos, ‘atrás dos quais (ou nos quais se *autoexprimem*) sujeitos reais ou potenciais do discurso”.

Para tanto, ao evidenciarmos o alcance potencial do dizer polifônico através da voz da *persona* do cronista, procuraremos ouvir os sentidos que emanam tanto da natureza do enunciado quanto da perspectiva, essencialmente, dialógica que perpassa o tempo e fortalece

a história enquanto fluxo, como algo que, a cada nova época, incide sob um novo rótulo, talvez o mesmo que, sutilmente, nos tempos de *Bons dias!*, reveste os princípios que, efetivamente, movem a sociedade brasileira. Sendo assim, passemos para alguns preliminares acerca da análise do funcionamento polifônico na crônica machadiana para, em seguida, deixarmos falar as vozes sociais que emanam de sua natureza discursiva.

4 Os tipos discursivos à luz do pensamento polifônico: prerrogativas à ordem do debate

Com um olhar que nos permita ir além do dito, evidenciaremos a crônica machadiana como uma forma composicional povoada de discursos e de vozes que transcendem o contexto histórico-social em que se desenvolve a percepção do cronista. Sendo assim, como centro de nossa investigação analítica, consideraremos dizeres representativos que fortaleçam o enunciado enquanto um produto ideológico vivo, que fala, ou melhor, que, ao falar, revela princípios que permanecem ativos na engrenagem que dinamiza a sociedade brasileira, desde os tempos de Machado de Assis.

Deste modo, partiremos de um contexto histórico específico, situado no período de 1888 a 1889, momento-chave para pensarmos a revelação das tensões sociais que, no discurso machadiano, estão naturalizadas, indo além do localismo e alcançando a universalidade dos dizeres. Um dos marcos centrais do contexto de produção de *Bons dias!*² é marcado pela abolição da escravatura, pela lei que anuncia liberdade ao homem do povo, simples e humilde, negro e escravo que, de uma condição de aprisionamento passa a absorver os comandos de uma nova era. Neste cenário, os ideais liberais iniciam a longa caminhada, que perpassa a defesa do regime republicano ao invés da monarquia, da igualdade de direitos inspirada pelo espírito democrático ao invés de sistemas autoritários e hierárquicos, tudo em prol de um ‘país novo’, de um ‘homem novo’ que, significativamente, re-nasce para si e para o mundo. Conforme Bakhtin, em seu texto *O discurso na poesia e o discurso no romance*:

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do ‘já-dito’, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-reposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo. (BAKHTIN, 1990, p. 89).

² As crônicas da série foram publicadas, originalmente, no periódico *Gazeta de Notícias*, durante o período 05 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889, perfazendo um total de 49 crônicas, em 17 meses. Em 1990, o crítico John Gledson reúne as crônicas em livro e elabora um estudo analítico das mesmas, além de anexar notas aos textos no sentido de contextualizar a leitura. As crônicas selecionadas para o nosso estudo estão contempladas na terceira edição do estudo de Gledson.

Para tanto, motivados pela perspectiva, essencialmente, dialógica de todo dizer vivo do homem, procuraremos no discurso machadiano a herança que fortalece a condição do ser desenganado, através das tensões sociais, à luz da teoria polifônica de Bakhtin. Para este estudo, elegemos cinco crônicas³ representativas da série e que, de um modo significativo, concentram dizeres que resplandecem a perspectiva proposta. Em nossa análise, optamos por preservar a naturalidade com que os tipos discursivos afloram na voz da *persona* do cronista, evidenciando o conjunto de crônicas como um enunciado único, em que a palavra se revela como uma arena em que se entrecruzam valores sociais de orientação contraditória. Falaremos, portanto, do alcance histórico-social do enunciado, valorizando o sentido em detrimento da data de publicação da crônica que, na série, funciona como uma espécie de título que individualiza os textos. Assim, deixemos falar a voz da *persona* do cronista como aquele sujeito potencial do discurso que revela as ancoragens do discurso social, neste caso, vistas ora pela esfera de enfrentamento político-partidário, ora pela crença espiritual do homem.

4.1 A polifonia na voz da *persona* do cronista: o discurso social entrecortado pelo político e pelo religioso

Como um elo entre arte e vida, entre literatura e sociedade, as vozes que falam na crônica machadiana concedem a palavra ao homem social, ao homem do cotidiano, que, distante do discurso formalizado da história, a anuncia impregnada de vida, de contradições latentes que preservam, em voltagem máxima, a natureza que, efetivamente, mobiliza o homem através dos tempos. Assim, o discurso se revela, conforme Bakhtin (apud FAITA, 1997, p. 162), como uma “[...] multiplicidade de sistemas de crenças verbo-ideológicas e sociais interligadas”.

O cruzamento de discursos na voz da *persona* do cronista realça os conflitos e as contradições de um tempo em formação, potencial para pensarmos a gestação de princípios que fecundam uma nova orientação social no velho sistema que já não podia mais se mostrar, ao menos, declaradamente, autoritário e escravocrata. Iniciavam, assim, tempos de uma nova era, acentuadamente, sutil, em que a hierarquia social alicerçada por relações de poder retorna sob uma nova máscara e daí a necessidade de um olhar mais atento, capaz de enxergar o que se esconde, não o que se mostra. Guiados pelo olhar machadiano, antevimos os princípios que movem a sociedade contemporânea no meio natural que os legitima e de onde,

³ Os trechos representativos para a análise serão selecionados das crônicas publicadas, respectivamente, nos dias 05 de abril e 19 de maio de 1888 e, ainda, as do dia 19 de março, 13 e 22 de agosto do ano de 1889.

potencialmente, tudo começou... E, deste terreno fértil, brotam as vozes que ao serem ouvidas evidenciam o não dito:

[...] Depois de um recente discurso proferido no Beethoven, acho perigoso que uma pessoa diga claramente o que é que vai fazer; o melhor é lazer calado. Nisto pareço-me com o príncipe (sempre é bom parecer-se com príncipes, em alguma coisa, dá certa dignidade, e faz lembrar um sujeito muito alto e louro, parecidíssimo com o imperador, que há cerca de trinta anos ia a todas as festas da Capela Imperial, *pour étonner le bourgeois*; os fiéis levavam a olhar para um e para outro, e a compará-los, admirados, e ele teso, grave, movendo a cabeça à maneira de Sua Majestade. São gostos.) de Bismark. O príncipe de Bismark tem feito tudo sem programa público; a única orelha que o ouviu, foi a do finado imperador, - e talvez só a direita, com ordem de o não repetir à esquerda. O parlamento e o país viram só o resto. (GLEDSON, 2008, p. 79).

Efetivamente, a sutilidade dos arranjos discursivos, o tom de ironia e sátira com que a *persona* do cronista realça os dizeres, revela a leveza do manto que encobre e/ou reveste a supremacia das figuras nobres e tudo para seguir persuadindo o olhar dos que, barrados pela superfície do manto, acabam devotos do ser envolto por um ar de divindade e supremacia, digno da hombridade que cerca os guardiões do poder, diferentemente dos que vendo o manto enxergam o que ele encobre e/ou reveste. Para estes, sempre fica algo a dizer além do virtuosismo que insiste em pregar na terra o que é digno de planos, efetivamente, mais elevados. E, como dizem as vozes machadianas, “há entre o céu e a terra mais acumulações do que sonha a vossa vã filosofia...” (GLEDSON, 2008, p. 101). Entre os políticos e a política, há o manto que une em perfeição e compatibilidade o ser e seus princípios e há, significativamente, o seu avesso. A multiplicidade de discursos e de pontos de vista estreita, ainda mais, os laços que unem o dizer machadiano e a vida cotidiana, já que as vozes que falam através da *persona* do cronista incorporam a natureza contraditória de um mundo em que os relógios já não marcam a mesma hora:

[...] Chego a um dos distritos, não me lembra qual, nem o nome da pessoa, e que hei de ler? Que o candidato era apresentado pelos três partidos, liberal conservador e republicano. A primeira coisa que senti, foi uma vertigem. Depois, vi amarelo. Depois, não vi mais nada. [...] Upa! Que caso único. Todos os partidos armados uns contra os outros no império, naquele ponto uniam-se e depositavam sobre a cabeça de um os seus princípios. [...] Dêem-me essas responsabilidades, e verão se me saio delas sem demora [...] diria então que ser conservador era ser essencialmente liberal, e que no uso da liberdade, no seu desenvolvimento, nas suas mais amplas reformas, estava a melhor conservação. Vede uma floresta! (exclamaria, levantando os braços). Que potente liberdade! e que ordem segura! A natureza, liberal e pródiga na produção, é conservadora por excelência na harmonia em que aquela vertigem de troncos, folhas e cipós, em que aquela passarada estridula, se unem para formar a floresta. Que exemplo às sociedades! que lição aos partidos! (GLEDSON, 2008, p. 291-292).

Eis que através das vozes sentimos a entoação e a desenvoltura do discurso dos vorazes ídolos do sistema que, camaleonicamente, mudam, transformam-se, adaptam-se, tudo em prol, senão dos princípios e da nação, certamente, da conveniência, que une poder e

ostentação, e tudo isto está bom, ao menos, para os políticos. O contexto de produção das crônicas evidencia um momento sócio-histórico em tensão, extensivamente, distante dos tempos modernos, mas, intensivamente, muito próximo, tanto que chegamos a ouvir as vozes machadianas ecoando ainda hoje, tentando serem ouvidas pelos detentores do poder que, infelizmente, insistem em não ouvir ou, ouvindo, preferem ainda a envoltura do manto, quem sabe mais cômoda, capaz de harmonizar, sem prejuízos individuais, todas as crenças, todas as ideologias, com a mesma facilidade que nos ditam, majestosamente, as vozes machadianas. Em sua essência, elas incorporam a dinâmica social, em que o homem de sua condição individual de sujeito, autêntico e íntegro, passa, facilmente, para o seu oposto, inscrevendo-se num mundo de indivíduos movidos pela ganância do ter e detrimento do ser. Nesta dinâmica, passamos de um tempo em que conviviam, familiarmente, os ideais liberais e conservadores para uma época em que, mais propriamente, inscrevem-se aspirações de ordem democrática e capitalista num mundo em que, efetivamente, as idéias estão fora do lugar e, conforme nos diz Schwarz, em seu texto *A viravolta machadiana*, a respeito do estilo composicional do escritor:

[...] Não obstante, e ao contrário do que fariam supor as quebras de regra, o espírito era incisivamente realista, compenetrado tanto da lógica implacável do social, como da tarefa de lhe captar a feição brasileira. E era também pós-realista, interessado em deixar mal a verossimilhança da ordem burguesa, cujo avesso inconfessado abria à visitação, em sintonia com as posições modernas e desmascaradoras do fim-de-século. (SCHWARZ, 2009, p. 1).

Por este viés, pensamos o homem objeto do homem, o homem na engrenagem que evolui à era da máquina, à modernidade em que tudo é relativo e pouco sólido, certamente, muito influenciada pelo virtuosismo das ações que nos faz burgueses, filhos e herdeiros de uma geração de inautênticos. O cenário representado pelas vozes machadianas é palco das ações infundadas, em que o interesse capitalista manipula a razão e os princípios e, em detrimento de considerar o outro enquanto um ser potencial, independente de classe, raça ou crença, o que vale é a representação do outro, o seu papel social que lhe garante uma identidade perante o seu semelhante. Ao invés do quadro romântico e bem realizado, Machado incorpora a realidade em estado de pureza, exatamente, no ponto em que culminam, de modo mais intenso, as tensões sociais, estas que dão o tom desconcertante de seu discurso, impregnado de vozes que se entrecruzam e revelam a estratificação de valores na voz da *persona* do cronista, sujeito potencial do discurso. Assim, o discurso religioso, objeto de nosso estudo, perpassa os dizeres machadianos e se constitui como porta-voz da natureza imperfeita do homem, fruto do pecado e da alta imagem que faz de si mesmo:

Deus fez programa, é verdade (E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para que presida etc. *Gênese*, I, 26): mas é preciso ler esse programa com muita cautela. Rigorosamente, era um modo de persuadir ao homem a alta linhagem de seu nariz. Sem aquele texto, nunca o homem atribuiria ao criador, nem a sua gaforinha, nem a sua fraude. É certo que a fraude, e, a rigor a gaforinha são obra do diabo, segundo as melhores interpretações; mas não é menos certo que essa opinião é só dos homens bons; os maus crêem-se filhos do céu - tudo por causa do versículo da Escritura. (GLEDSON, 2008, p. 80).

A esperança na terra não pode vingar de modo mais fecundo, sem a altivez do céu que, por sua vastidão, ilumina a consciência de todo o homem. E, por um lado, reflete uma multidão de fiéis que acreditam na imagem espiritual de um Deus supremo ante os homens e, por outro, resplandece o pensamento glorioso e, por sua vez mais globalizado, que inibe as fronteiras entre Criador e criatura e, logo, se faz homem e se faz Deus, uma espécie de semi-deus a apresentar programas, anunciando, à maioria menos otimista, que tem a chave capaz de abrir as portas do paraíso e de que ainda é tempo de restituir o eixo que movimenta a engrenagem do mundo em direção à terra prometida. Talvez aqui o princípio do desajuste que, ao modo de Brás Cubas, rege a sociedade através dos tempos: “[...] Cada homem tem necessidade e poder de contemplar o seu próprio nariz, para o fim de ver a luz celeste, e tal contemplação, cujo efeito é a subordinação do universo a um nariz somente, constitui o equilíbrio das sociedades” (MACHADO DE ASSIS, 1978, p. 79). Por esta via, o homem, compenetrado na contemplação do próprio nariz, segue manipulando uma multidão de fiéis que, ante a um emaranhado de luz e sombra - efeitos da sublimação do ser pela ponta do nariz - ficam extasiados, um pouco confusos e isto, se não representa o contento de todos, por certo, resplandece a vaidade do indivíduo:

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico. No golpe do meio [...] levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as idéias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas idéias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado. Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho), pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembléia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo. (GLEDSON, 2008, p. 109-110).

Em lugar de formas mais declaradas e objetivas, tal como o escravismo, a sociedade brasileira iniciava, nestes tempos, princípios, acentuadamente, sutis que, em patamares ainda mais elevados, mantinham tanto a nobreza e distinção dos senhores quanto o rebaixamento e a discriminação dos serviçais. Conforme Gledson (2008, p. 31), “[...] a abolição não é um movimento da escuridão para a luz, mas a simples passagem de um relacionamento

econômico e social opressivo para outro”, já que, ainda em palavras do crítico (2008, p. 17), “[...] o regime imperial tentava acabar com a escravidão sem acabar consigo mesmo”. Deste ponto em diante, episodicamente, a voz da *persona* do cronista deixa de absorver o coro de vozes sociais e cede espaço para a fala dos personagens, aprimorando a trama polifônica ao gosto da prosa romanesca:

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

- Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

- Oh! meu senhô! Fico.

- ...Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. [...]

Pancrácio aceitou tudo: aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos. [...] O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes da abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar (simples suposição) é então professor de Filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu. (GLEDSON, 2008, p. 110).

E, por este viés, tudo retorna sob uma nova máscara. A nova ideologia segue o percurso dos velhos princípios conservadores, em que o que sobrevive é o tom de altivez e supremacia dos preceitos enquanto que o atraso social e cultural permanece dependente e em si nada glorioso. O funcionamento da sociedade brasileira, efetivamente, está incorporado pelas vozes machadianas, que nos dizem que o sentido sempre vai além do dito e que o interesse, motivado pelo capitalismo e pela vaidade humana, enobrece a superficialidade do manto que se esvai diante do olhar atento e crítico, mas que permanece supremo perante o ser que segue, através dos tempos, na contemplação do próprio nariz. E, assim, ele “[...] perde o sentimento das coisas externas, embeleza-se no invisível, apreende o impalpável, desvincula-se da terra, dissolve-se, eteriza-se”. Enquanto, nós, seguimos ouvindo a peculiaridade dos dizeres machadianos (MACHADO DE ASSIS, 1978, p. 79):

Dizia-me ontem um homem gordo... para que ocultá-lo?... Lulu Sênior:

-Você não pode deixar de ser candidato à câmara temporária. Um homem dos seus merecimentos não deve ficar à toa, passeando o triste fraque da modéstia pelas vielas da obscuridade. Eu, se fosse magro, como você, é o que fazia; mas as minhas formas atléticas pedem evidentemente o Senado; lá irei acabar estes meus dias alegres. [...] (GLEDSON, 2008, p. 287).

Um dos graves problemas que incorre a fragilidade humana através dos séculos diz respeito à excessiva contemplação da própria imagem; o egocentrismo que dissipa qualquer

projeto coletivo que pense, efetivamente, o bem da nação. Esta tentação está à solta e é encenada pelas vozes machadianas, na ótica dos personagens:

- Bem, respondi eu, mas é preciso um programa; é preciso dizer alguma coisa aos eleitores [...] Ora, eu não tenho idéias, nem políticas nem outras.

- Está zombando!

-Não, senhor; juro por esta luz que me alumia. Na distribuição geral das idéias... Talvez você não saiba como é que se distribuem as idéias, antes da gente vir a este mundo. Deus mete alguns milhões delas num grande vaso de jaspe, correspondente às levas de almas que têm de descer. Chegam as almas; ele atira as idéias aos punhados; as mais ativas apanham maior número, as moleironas ficam com um pouco mais de uma dúzia, que se gasta logo, em pouco tempo; foi o que me sucedeu.

-Mas trata-se justamente de suprimi-las; não as ter é meio caminho andado. Tem lido as circulares eleitorais?

-Uma ou outra.

- Aí está porque você anda baldo ao naipe; não lê nada, ou quase nada; os jornais passam-lhe pelas mãos à toa, e quer ter idéias. Há opiniões que eu ouço às vezes, e fico meio desconfiado [...] Umam falam de ficar parado, outras de correr, outras de andar para trás...

- Justamente. Que hei de escolher entre tantos alvitres?

[...]

-De tantos homens que falaram aos eleitores, um só teve para mim a intuição política: 'Conhecido dos meus amigos (escreveu o Sr. Dr. Nobre, presidente da Câmara Municipal), julgo-me dispensado de definir a minha individualidade política'. Tem você amigos?

- Alguns.

- Tem muitos. Bota para fora essa morrinha da modéstia. Você não terá idéias, mas amigos não lhe faltam. [...] (GLEDSON, 2008, p. 287-288).

É assim que se esvaem as ideias, os princípios, a essência, é sob o efeito do eu, único e absoluto, que se deixam de escutar as vozes que necessitam serem ouvidas e que revelam o manto como algo supérfluo ante a supremacia do humano sob todas as coisas; mas, é preciso, mais uma vez, estar atento ao que se esconde, não ao que se mostra. E tudo isso para negar o princípio que, significativamente, move a sociedade através dos tempos:

[...] que necessidade tem você de definir-se? [...] Não se explique; apareça. Diga que deseja ser deputado, e que conta com os seus amigos.

- Só isso?

- Ó palerma, eles conhecem-te, mas é preciso visitá-los. A maior parte dos amigos não votam sem visita. A questão é esta. O eleitor tem três fases; está na segunda, em que a cédula é considerada um chapéu, que ele não tira sem o outro tirar primeiro o seu chapéu de verdade. Se houver intimidade, ainda podes dizer brincando: 'Ó Cunha, tira o chapéu'. Mas o teu há de estar na mão.

[...]

- Compreendi tudo. Definição é que nada, visto que são meus amigos. [...] Posso oferecer a minha gratidão?

- Podes; toda a questão é ir ao encontro do sentimento do eleitor, isto é, que ele te faz um favor votando; não escolhe um representante dos seus interesses. Anda vai-te embora e volta-me deputado. (GLEDSON, 2008, p. 288-289).

E, como o realismo em Machado é um traço constitutivo, pensar a negação dos princípios que, naturalmente, movem a sociedade conservadora e capitalista é, em última instância, contradizer o fluxo da história e a condição desenganada do sujeito imerso em tais contextos, dos tempos imperiais à modernidade. Assim, deixemos que falem as vozes através

da *persona* do cronista, sujeito potencial do discurso na série, antes da reflexão final acerca do funcionamento polifônico do discurso machadiano:

Faleceu em Portugal o Sr. Jacome de Bruges Ornellas Ávila Paim da Câmara Ponce de Leão Homem da Costa Noronha Borges de Sousa e Saavedra, 2º Conde da Praia da Vitória, 2º Visconde de Bruges. Quarta-feira, na igreja do Carmo, diz-se uma missa por alma do ilustre finado, e quem a manda dizer é um seu amigo - nada mais que amigo gratíssimo à memória do finado. Nenhum nome, nada, um amigo; é o que leio nos anúncios. [...] Podia ir quarta-feira à missa, com o fim único de perguntar quem a manda dizer; o sacristão mostrava-te de longe, e eu via-te, conhecia-te; mas não vou, não quero. Prefiro crer que é tudo uma ilusão, uma fantasmagoria, que não existes, que és uma hipótese. Dado que não, ainda assim não quero conhecer-te; a vista da pessoa seria a maior das amarguras. Deixa-me a idealidade; posso imaginar-te a meu gosto, um asceta, um ingênuo, um desenganado, um filósofo. (GLEDSON, 2008, p. 253-254).

5 Uma reflexão acerca do funcionamento polifônico dos tipos discursivos na crônica machadiana

De contexto a contexto, revelam-se princípios que ativam e sustentam o fluxo da história através dos tempos. Neste intermédio dinâmico que, em nosso estudo, perpassa os tempos imperais como base para pensarmos a modernidade, percebemos características intrínsecas da condição de sujeito no mundo, constituindo a crônica machadiana, pelo funcionamento polifônico do discurso, como um espaço co-habitado por tensões sociais que depositam na palavra os valores contraditórios, próprios da natureza dialógica do discurso e da essência que move, historicamente, a engrenagem social.

O estilo composicional privilegia o tom irônico e satírico que incorpora traços constitutivos do homem e de seu contexto, possibilitando uma leitura tanto do momento histórico específico quanto de aspectos que transcendem o particular e se configuram como universais, perspectiva esta que propomos desenvolver neste estudo. Assim, o discurso da *persona* do cronista se constitui como um espaço democrático, em que o atravessamento de tipos discursivos evidencia vozes que denunciam as faces obscuras que o manto da nobreza silencia. O discurso machadiano conserva o gene que, pelo fluxo da história, vem se desenvolvendo e, de um modo significativo, ganha corpo e substância nos tempos modernos, tempos de maior encantamento da sociedade pelo espetáculo, pelas ações representadas por sujeitos que, antes mesmo de revelarem valores íntegros e autênticos, consagram-se como ídolos. Efetivamente, as vozes que clamam pelas ideias, pelos princípios, na voz da *persona* do cronista dizem muito do que falta, não do que sobra nos dias atuais.

Pelo viés social, o discurso religioso reforça a reificação do homem, pervertendo a essência dos valores e monopolizando os dizeres em seu favor. A sociedade de classes é capitalista por natureza e em tudo enxerga moeda de troca, tudo, até mesmo o humano,

constitui-se como valor de mercado, resplandecendo, em diferentes intensidades, tanto o contexto escravocrata quanto o do trabalho assalariado. Por este viés, o estilo machadiano inaugura um modo nada ufanista de enxergar o território brasileiro, sua gente e sua terra.

A falta de princípios, de uma tradição, historicamente, constituída, faz com que os ideais de progresso espiritual e material aconteçam de modo inautêntico. Este funcionamento é resplandecido, também pelo discurso político-partidário, em que às vistas da nação, do povo de um modo geral, representam a união de forças em favor da liberdade e igualdade de direitos para o homem, da ascensão do país ante os desenvolvidos, mas que escondem o princípio que, pela escuta das vozes machadianas, fala mais alto. A vaidade do homem, cobiçada pelo poder e pelo acúmulo de capital e prestígio, rege as ações políticas e move a sociedade em direção ao desconcerto, ao mundo em que há um distanciamento profundo e definitivo entre ‘o que é e o que parece ser’, necessitando cada vez mais de dizeres prenhos do contexto no qual viveram sua vida, socialmente, tensa.

Ao conceder a escuta da palavra, de discursos e de vozes, a *persona* do cronista protagoniza uma atitude revolucionária, em perspectiva oposta aos detentores do poder e do *status* social. São as múltiplas vozes da existência que falam através dos dizeres machadianos, é a voz que, ao revelar, criticamente, a pomposidade e a altivez entoada pelos cidadãos ‘de porta acima’, pelos que preferem o manto ante o que ele encobre, fala ao mundo o que se esconde por baixo do pano, salientando os valores subvertidos e as ideias ocas e, assim, anuncia ao mundo o que falta, não o que sobra. Imbuídos deste espírito, passemos a algumas considerações finais acerca de nossa proposta de estudo.

6 Considerações finais

Com o intuito de evidenciar a crônica machadiana como um espaço propício à instanciação de vozes sociais, elegemos para o nosso estudo dizeres representativos de um diálogo inconcluso, que transcende o tempo fixo da história, constituindo com eles um enunciado único, que muito tem a dizer acerca de nossa condição de sujeito no mundo. Para tanto, procuramos perceber os efeitos de sentido que, pelo estilo singular de composição dos discursos, revelam dizeres universais e, nesta perspectiva, o cronista se constitui um hábil artesão da experiência e seguindo com o pensamento de Davi Arrigucci Jr. (1987, p. 53), em seu texto *Enigma e comentário*, a crônica “[...] parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica [...]”.

Sendo assim, procuramos responder as seguintes questões de pesquisa, de caráter abrangente: que caminhos nos levam a eleger como possível o diálogo entre a teoria polifônica de Mikhail Bakhtin e a crônica de Machado de Assis? Mais especificamente, propomos outras duas questões: como se revelam as tensões sociais na voz da *persona* do cronista à luz da polifonia? E, a partir da análise do funcionamento polifônico dos discursos, quais os princípios potenciais para pensarmos o legado dos tempos modernos pelo comportamento da sociedade brasileira no contexto histórico-social da crônica machadiana?

A visão anti-lírica de Machado contribui, fortemente, para a incorporação das tensões sociais na voz da *persona* do cronista, já que conservam, em voltagem máxima, a natureza impura que une arte e vida, eliminando as fronteiras existentes entre a produção cultural e o cotidiano. Pela presença e pelo embate de diferentes vozes sociais, a crônica machadiana se aproxima, significativamente, da prosa romanesca e de sua concepção pensada por Bakhtin, fortalecendo, assim, a perspectiva ficcional do texto que promove a relação dialógica entre literatura, sociedade e história, constituindo-se como terreno fértil para pensarmos acerca do homem e de seu contexto, através dos tempos.

Outra perspectiva possível de análise e que fortalece a nossa proposta diz respeito ao fato de que Machado não revela ao público leitor a autoria dos textos. Sabemos, a princípio, de sua função social, apresentando-se como um relojoeiro que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descreu do ofício e foi ser escritor e, apenas durante a série, revela-se sob o pseudônimo de Policarpo. Por este viés, tornamos ainda mais relevante o teor de contestação e realismo com que as crônicas eram compostas, já que pela natureza imediata de recepção dos textos, própria do meio jornalístico, o cronista prefere se precaver de possíveis repressões relacionadas à liberdade composicional. Assim, a opção pelo anonimato, acrescida ao estilo composicional do escritor, fortalece a concepção do texto como aquele espaço em que os conflitos sociais estão incorporados, transformando-se “[...] em índices de um processo mais amplo, como se fossem meios de se tatear sobre a verdade histórica” (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 60).

As vozes que falam através da *persona* do cronista anunciam ao mundo um novo tempo e uma nova história, distante de uma visão romântica e absorvendo, expressivamente, o mundo caótico e caduco, próprio da natureza discursiva de grandes escritores. O estilo de Machado cronista representa, efetivamente, a realização que explora todas as possibilidades qualitativas do gênero, constituindo dizeres que fortalecem o espaço do jornal como propício à contestação, feita aos moldes da sutilidade, própria do romancista Machado de Assis e do caráter polifônico do discurso. Assim, conforme Bakhtin (1990, p. 88), “[...] em todos os seus

caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”. Por esta via é que procuramos tecer uma leitura acerca da sociedade brasileira desde os tempos de *Bons dias!* – à luz da teoria polifônica de Mikhail Bakhtin.

Referências

- ARRIGUCCI JR, Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAKHTIN, Mikahil. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: Carlos Alberto Faraco. (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: UFPR, 1996.
- BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2003.
- _____. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- CÍCERO, Antônio. *Reflexões sobre finalidades sem fim*. [Entrevista] Entrevista concedida à Carina Dartora Zonin, jul. 2009.
- _____. *Finalidades sem fim: ensaios sobre poesia e arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FAITA, Daniel. A noção de ‘gênero discursivo’ em Bakhtin: uma mudança de paradigma. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2003.
- _____. O romance e a representação da heterogeneidade constitutiva. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 3. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.
- GLEDSON, John. *Bons Dias! Introdução e notas*. 3 ed. Campinas: UNICAMP, 2008.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MOURA, Emílio. *Poemas*. Disponível em: <<http://emiliomoura.br.tripod.com/poemas.htm>> Acesso em: 28 fev. 2010.
- SCHWARZ, Robert.o. *A viravolta machadiana*. Disponível em: <http://antivalor.atspace.com/outros/schwarz_index.html> Acesso em: 28 de jul. de 2009.
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 1997.
- TEZZA, Cristóvão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.